

Sarah Bernhardt e Oliveira Mattos



Retrato de Oliveira Mattos, tirado pelo proprio cão, de Sarah Bernhardt, ao qual a grande artista teve a phantasiosa pachorra de ensinar desenho.

ESTE RETRATO DE "MEU" TELÓMUSO MIGO OLIVEIRA MATTOS



SALETO



DE OLE



QUE VALOR !!!

FOR ASSIM

DELA COPIA
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Subscrição nacional promovida pela imprensa a favor das victimas sobreviventes do incendio do theatro Baquet.

Transporte	7\$200
Antonio Affonso Gomes	100
Guilhermina Augusta Ribeiro Gomes	100
Antonio Gaspar	100
<i>Somma</i>	7\$500

Continua aberta a subscrição, até o fim do corrente mez, no escriptorio da administração dos *Pontos nos 17*, rua do Norte, 39, 1.º, onde pode ser entregue qualquer importancia, cuja recepção se accusará.



Por ahi...



—Então que ha de novo?

Então que ha de novo é a pergunta immediata do indigena, depois de cumprida a saudação habitual do—como vão todos os seus?

Pois esta semana ha de novo o mesmo que houve a semana passada: um resto da grande catastrophe do Baquet, um saldo de victimas que consti-

tue ainda a ultima moda no grande *magazin* do interesse publico, emquanto não chegam os novos figurinos de algum acontecimento de sensação pelo qual este seja posto de banda.

As victimas sobreviventes do Baquet, podem ter a dolorosa vaidade de que poucas pessoas e poucas coisas lograram ainda como ellas agitar profundamente a opinião publica por tão dilatado periodo de tempo.

E, se querem que lhes fallemos com franqueza, dir-lhes-hemos ainda, ás victimas sobreviventes, que essa agitação foi talvez em demasia, demasia que até já vae ameaçando prejudicar as victimas, como ao diante lhes mostraremos.



Sabe-se bem como a caridade se mostrou febril e espontanea, apertando todos os corações e alargando todas as bolsas.

Grandes e miudos todos contribuíram com o obulo da sua compaixão e do seu dinheiro, desde a magestade que foi pessoalmente distribuir aos necessitados a somma quantiosa de alguns contos de reis, até o proletario que depoz compadecido os magros cinco reis que lhe implorava a sacola dos bombeiros, quando em bando precatório corriam essas ruas, no empenho de acudir ás victimas do fogo, já que não tinham podido acudir ao fogo das victimas.

Essa febre de entusiasmo, tomou o caracter de epidemia—santa epidemia—e em tão alto grau se manifestou a febre que, em alguns casos, chegou mesmo a assumir o aspecto grave do delirio...



E delirio foi elle que alguns se não contentavam já em dar o que tinham: davam tambem o que não tinham; não contribuíam só com o dinheiro proprio: contribuíam tambem com o dinheiro alheio!

Temos nós, por exemplo, o sr. Conde de Rio Major, o qual, convidado por el-rei para fazer parte da commissão de soccorros, respondeu briosamente haver resolvido contribuir com um conto de reis... do cofre da Santa Casa da Misericordia!

Os pobres da Misericordia dando esmola aos pobres do incendio faz lembrar o caso do pobre cego que pedia esmola para o pobre aleijadinho.

Não sabemos se esta resolução do digno provedor da Misericordia, determinando socorrer as victimas com uma parte dos dinheiros confiados á sua guarda e pertencentes a outrem, accordaria no espirito caritativo de algum recebedor de comarca a ideia analoga de offerter ás victimas uma quota importante dos dinheiros que tivesse em cofre provenientes de contribuições e pertencentes ao estado.

Um recebedor que assim procedesse tinha todo o direito de vir elogiado nos papeis publicos, como succedeu ao sr. conde de Rio Major.



Acontece porém que, depois de todos haverem não só despejado os proprios bolsos como principiado até a entrar pela algibeira dos visinhos, uma preocupação vem agora sobresaltar alguns espiritos mais lucidos, os quaes espiritos reputam já demasiada a quantia subscripta para acudir ás victimas, e assim se preocupam, certamente no receio de que essa quantia, por exagerada, vá prejudicar aquellas victimas, acarretando-lhes talvez alguma dose de horrivel *spleen*, tão peculiar a quem vive nadando em oiro!

D'ahi, nos requincofes dos citados espiritos lucidos começam a gorgitar as ideias, es expedientes, os alvitre de que é preciso lançar mão, afim de evitar quanto possivel o *spleen* de Damocles que está suspenso sobre a cabeça das pobres victimas.

E cada um, por sua conta, lembra uma sorte de applicação que deve ser dada ao que elles chamam *as sobras da subscrição*, como se a caridade publica de onde a subscrição nasceu lhe houvesse determinado a cifra, devendo assim considerar-se como *sobras* tudo que excedesse a referida cifra!



A nós parece-nos, pelo contrario, que o espirito caritativo do publico ainda se não acha satisfeito com a somma subscripta para acudir ás victimas, e a prova é que essa subscrição todos os dias engrossa com donativos novos, o que quer dizer que a caridade decidiu positivamente enriquecer as victimas, para o que está no seu direito, uma vez que paga com o seu dinheiro.

A FESTA DA IMPRENSA



As primeiras partes.



RAPHAEL BORDIN PINHEIRO

O contra-regra, de papel na mão:
— Agora entram os senhores da imprensa.

E entravam, assim á laia de corpo de coristas.
Nós eramos a corista gorda — vaidade á parte...

SARAH BERNHARDT

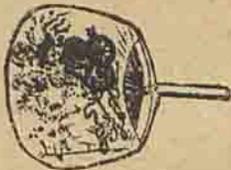


SARAH E O SEU CÃO

Sara Bernhardt, sabendo do grande interesse despertado no publico pelos artigos das *Novidades*, relativos á viagem d'aquella grande artista na companhia do nosso sympathico compatriota o sr. Oliveira Mattos, e havendo esboçado n'essa viagem varios *croquis* muito interessantes, teve a amabilidade de nos presentear com esses *croquis* de que damos copia religiosa—apesar de não ser destinada ao *Flos Sanctorum*.



Estabelecido o principio proposto pelos taes espiritos lucidos, que pretendem que uma commissão, simples mandatária e depositaria dos dinheiros de terceiro, distribua esses dinheiros, não conforme a vontade de quem lh'os confiou, mas simplesmente segundo a sua opinião individual, o seu alvedrio phantasioso, tal principio viria fatalmente estabelecer uma nova orientação muito original na fórma de cumprir os legados de outrem, orientação que tinha de ser acatada pelo proprio direito juridico, uma vez que recebera anteriormente a sanção dos poderes publicos.



Assim, por exemplo, fallecia amanhã um riquissimo argentario, o qual argentario nos nomeava seu testamenteiro, deixando-nos o legado de cinco réis para pevides, ao passo que constituia herdeiro universal de todos os seus bens, no valor de trinta ou quarenta milhões, o seu amigo o sr. Monteiro dos ditos.

Senhores da testamentaria, nós punhamo-nos a meditar sobre o caso, conforme as theorias dos taes espiritos lucidos a que acima nos reportamos.

— Ora espera! O sr. Monteiro Milhões está já podre de rico — e tanto que até lhe chamam o sr. Monteiro Milhões. — Entretanto nós somos pobres como Job e, peiores ainda de que nós, não faltam por ahí familias indigentes que não teem sequer dezreisinhas para o quarto de pão do estylo com que costumam exporiar-nos a bolsa. Sejam pois equitativo, distribuindo os bens d'aquelle querido morto, que nos confiou o cumprimento dos seus legados, não conforme a expressão d'esses legados, mas segundo os dictames d'um espirito lucido. Distribuamos pois esses bens com toda a justiça — irmãmente...

E distribuamos por esta fórma:

Metade dos milhões para a nossa algibeira.

A outra metade rateada pelas familias indigentes que não teem sequer dezreisinhas para o quarto de pão do estylo.

É o sr. Monteiro Milhões era contemplado com os cinco réis para pevides — ou para fava torrada, conforme as predilecções de s. ex.º...

Naturalmente o sr. Monteiro chamava logo o seu advogado e pretendia intentar acção em juizo contra o testamenteiro que o roubava.

Mas o sr. Firmino João Lopes é que não lhe despachava o requerimento e mandava-o em paz, intruindo-o paternalmente sobre o caso:

— Homem! você não tem razão nenhuma! O testamenteiro andou como um catita, digo-lh'o eu! Você já estava rico, os outros eram pobres, elle deu aos pobres o que pertencia aos ricos e assim deixou de haver pobres e ficaram todos ricos. O que lhe succedeu agora a você é exactamente o mesmo que aconteceu ás victimas do Baquet, por iniciativa dos espiritos lucidos e com applauso dos poderes publicos. Não se chama roubo: chama-se equidade...

E digam-nos francamente se não será este o ideal social do Pinto, ex-assassino do sr. Pinheiro Chagas...

San-Tarantula

Amelia Vieira Santos



É amanhã, sexta feira, no theatro do Principe Real, a festa artistica de Amelia Vieira Santos, a sympathica e talentosa actriz, festejada de todas as nossas plateas, a que foi esposa dedicada e discipula dilecta do grande actor, cuja perda ainda deploramos e á qual decerto não faltarão na noite da sua festa todas as manifestações de sympathia e de admiração de que, por tantos titulos, é credora a todos nós.



Salões, palcos e circos



Quando uma horrorosa epidemia assola um povo, matando milhares e milhares de pessoas, não é raro ouvir-se esta phrase a algum dos sobreviventes:

— Deus do ceu! que quantidade de gente que tem morrido! Eu nunca ti-

nha imaginado que existisse tanta gente cá na terra!

Está succedendo coisa parecida com os theatros. Ao lermos a relação das casas de espectáculo condemnadas por insegurança, e que são já: a praça do Campo de Sant'Anna, os theatros da Alegria, dos Restauradores, o Taborda, o de D. Fernando, o Recreativo da Lapa e o das Variedades, fica uma pessoa assombrada com a quantidade de theatros que havia por essa Lisboa de Christo!

Em alguns d'elles, como o theatro Taborda, o Recreativo da Lapa e não sabemos se mais algum, está claro que a condemnação se refere apenas á prohibição de espectaculos publicos, visto como a auctoridade não pôde arrogar-se o direito de prohibir que cada um reciba em sua casa, particularmente, as pessoas que entender, quer para as fazer assistir a uma representação, quer para as obsequiar com o ensejo de darem á perna nas valsas.

Mantido este principio de liberdade, temos nós evidentemente que, o que a auctoridade não permite é que se morra queimado publicamente, em espectaculos

anunciados por cartazes com o visto do governo civil. Particularmente, em sua casa, no concheiro intimo da familia, assistindo como sardinha em tigella a uma recita por curiosos, em que o endiabrado do Anastacio Pires faz coisas do arco da velha nas *Tribulações do Mané Côco*, cada um tem o direito de morrer assado a seu gosto, podendo até solicitar que o voltem na grelha, como fez o S. Lourenço, afim de ficar passadinho por igual...



Uma das providencias adoptadas pela auctoridade para garantir a segurança dos theatros é na verdade d'um grande alcance pratico, mas atrevemo-nos a lembrar que carece ainda d'uma pequena ampliação.

Essa providencia consiste em ter no palco dos theatros, durante os espectaculos, um policia permanente, encarregado de fiscalisar o serviço dos bombeiros.

O expediente é bom. Mas quem nos diz a nós que esse policia não pode esquecer-se dos seus deveres, deixando de exercer a fiscalisação que lhes commetteram?

Portanto, é indispensavel a ampliação de que fallámos e que consistirá por seu turno em pôr lá de serviço tambem um guarda municipal, para fiscalisar o serviço do policia que fiscalisa o serviço dos bombeiros.

E, como pode acontecer ainda que o guarda municipal esqueça igualmente os seus deveres, não seria de todo mau adjuntar-lhe um cabo de policia, que fiscalise o serviço do guarda municipal que fiscalisa o serviço dos bombeiros.

E mais, pelas razões já addusidas, ponha-se lá tambem um guarda nocturno, que fiscalise o serviço do cabo de policia que fiscalisa o serviço do guarda municipal que fiscalisa o serviço do policia civil que fiscalisa o serviço dos bombeiros.

E, seguindo a mesma ordem de argumentos, pespegue-se mais no palco com um guarda da fiscalisação aduaneira, que fiscalise o serviço do guarda nocturno, que fiscalisa o serviço do cabo de policia, que fiscalisa o serviço do guarda municipal, que fiscalisa o serviço do policia civil, que fiscalisa o serviço dos bombeiros.

E assim successivamente, até o theatro se encher todo de fiscaes, o que, se não constitue positivamente uma garantia contra o fogo no theatro, dá contudo a segurança de que nenhum espectador lá morrerá queimado: — morrem apenas os fiscaes.

Ha tudo a ganhar e nada a perder...

Paravandula

Politica em bolandas



Pouco se tem dado nas duas casas do parlamento que directamente interesse a politica.

Esperava-se muito de uma annunciada interpellação ao sr. ministro da guerra, mas essa interpellação não deu de si.

O nobre ministro foi effectivamente interpellado por

um membro da opposição, sobre o facto de haver desattendido a defeza do porto de Lisboa, ou pelo menos derespitado a opinião da commissão de guerra respectiva, annuindo como annuiu a uma concessão feita á companhia dos caminhos de ferro, sendo que esse facto coincidia com a nomeação do mesmo sr. ministro para um cargo qualquer, importante, na direcção da referida companhia.

O sr. ministro, apanhado de subito n'esta rede... de caminhos de ferro, não perdeu a transmontana nem coisa nenhuma e, não se dando mesmo á massada de explicar os factos, limitou-se a responder áquella interpellação que, «emquanto á sua nomeação para membro do conselho fiscal do caminho de ferro, era uma d'essas accusações a que a sua dignidade mandava ficar silencioso!...»

Tremulo na orchestra, commoção nas galerias, e cae lentamente o pano ao som dos applausos da maioria...



Como se vê, a resposta do sr. ministro, ás accusações que lhe assacavam, não podia ser mais terminante nem mais convincente.

E' uma resposta que deve ficar gravada, não diremos em letras de ouro, porque isso é mais proprio para medalhas de relógio, mas sim no memoria de toda a gente, a quem, mais dia menos dia, pôde vir a servir de escudo contra alguma accusação tremenda!

Amanhã, por exemplo, o cavalheiro mais respeitavel d'este mundo resolve fazer a coisa mais natural tambem d'este mundo — e acreditamos mesmo que do outro; — dar cabo da senhora sua sogra, mettendo-lhe pela barriga um facalhão que lhe saia pelas costas, depois de lhe haver feito a travessia dos intestinos com a precisão geographica com que Capello e Ivens fizeram a travessia de Angola ás terras de Iaca.

Satisfeita a vontade do cavalheiro, o juiz competente ver-se-ha constrangido — não que lh'o peça o coração de genro, mas porque lh'o exija a sua obrigação de magistrado; — ver-se-ha constrangido a chamar aos tribunaes o cavalheiro sogricida, a quem fallará por estes termos;

— E' o reu accusado de assassinar a sua sogra, esburacando-lhe a barriga de lado a lado, como se prova pelo depoimento das testemunhas, pelo facalhão que está presente e pela propria barriga esburacada, que tambem está presente e conservada em alcool, para os senhores jurados que quizerem examinar o buraco com os seus proprios olhos... O que tem o reu que alegar em sua defeza?

O reu, levantando-se e com toda a seriedade do seu character respeitabilissimo:

— Isso, sr. juiz, «é uma d'estas accusações a que a minha dignidade manda ficar silencioso!...»

Tremulo na orchestra, commoção nas galerias, saindo o reu absolvido e coroado na passagem pelas bencções de todos os assistentes — incluindo mesmo os que não tem a infelicidade de ser genros...

Paravandula

Agradecimento

Agradecemos á Empreza de jantares aos domiciliados os quatro bilhetes com que nos obsequiou e com que nós obsequiamos outros tantos pobres dos *Pontos nos II* cujas barrigas (as dos pobres) não tem palavras com que possam associar-se ao nosso agradecimento.

A MATINÉE PROMOVIDA EM BENEFÍCIO DE CYRÍACO DE CARDOSO



D. MARIA IGNACIA DE FÁRIA
AGENEROSA PROMOTORA DA MATINÉE



D. MARGARIDA MOTTA
MUSICIAN MEZZOSOPRANO
QUE DEBUTOU NA
MATINÉE



D. HENRIQUETA GRANADA
PROFESSORA EXÍMIA DE VIARNO



D. VIRGINIA VITERBO
PIANISTA BRILHANTE



D. MARIA VITERBO SOPRANO

ALVARO PINHEIRO

O nobilíssimo procedimento das gentis damas do Porto, que com a sua valiosa iniciativa concorreram para attenuar a dolorosa situação do nosso querido amigo Cyriaco de Cardoso, mercede-nos uma referencia especial que não podemos deixar de registrar nas paginas dos Pontos nos ii.